

A PORTA PARA A FELICIDADE

Carlinhos Moreno terminou de ajeitar seu pacote de jornais, amarrou-o com a cinta de couro, presente do seu João Hans, da casa de couros, e saiu correndo para a rua.

Todo dia começava assim a sua luta pela vida: distribuindo os jornais da manhã na região central de Buenos Aires, a grande capital argentina.

Era uma vida um tanto livre e também comercial. “Não há razão para desprezar um engraxate”, pensava Carlinhos, “porque ele ganha a vida tão honradamente como qualquer ministro de Estado. E, às vezes, até mais!”

Terminando a venda dos jornais, ele pegava sua caixa de engraxate e procurava seus clientes que lhe davam algumas moedas reluzentes em troca do brilho dos seus sapatos.

Ele precisava cooperar no sustento da família, que era pobre, e havia muitas bocas vorazes para satisfazer cada dia.

O pai de Carlinhos era um homem fraco e encurvado, de olhar triste e com grandes bigodes caídos. Em outro tempo tinha sido um próspero comerciante, mas a bebida e o maldito jogo de cartas o tinham arruinado física e materialmente. Em certo jogo, quando sua mente estava mais embaçada do que de costume, devido ao veneno do álcool, uns jogadores desonestos tinham-lhe tirado até o último centavo e depois até a última jarra do seu armazém.

Em um momento tinha ficado arruinado, trazendo a miséria à numerosa família que já tinha. Agora trabalhava catando papéis velhos pelas ruas, puxando um velho carrinho de mão. A família, oito pessoas ao todo, vivia em um barraco de uma favela, no meio de latas velhas e de lixo e ao lado de algumas fábricas que constantemente poluíam o céu com fumaça malcheirosa.

Carlinhos sentia prazer em estar o dia todo fora de casa porque, percorrendo as ruas do centro da cidade, cheias de luz e de gente, era feliz.

Era um rapazinho de treze anos, inteligente e ativo. Se tivesse podido seguir alguma carreira teria sido um brilhante

estudante, mas a necessidade de trabalhar e de ganhar a vida o tinha tirado dos estudos que tanto desejava seguir.

Como o ambiente em que ia crescendo lhe facilitava, Carlinhos não deixava de ler tudo quanto passava diante dos seus olhos. Dos jornais aprendia sobre a política mundial, a vida esportiva (que muito o atraía) e as novidades científicas.

Nos cafês e bares não deixava de prestar atenção às conversas que ouvia e, assim, ia aprendendo o bom e o mau, o triste e o engraçado da vida.

Como engraxate, tinha amigos distintos entre os seus fregueses. Por exemplo, um que era professor universitário. Este era um espírito distinto e estudado, e possuidor de uma boa conversa que cativava seus ouvintes. Para Carlinhos, servi-lo significava cinco minutos de um gostoso bate-papo. E não pensemos que Carlinhos conversava somente sobre futebol e boxe. Que nada! Carlinhos tinha verdadeiras preocupações culturais. Era um apaixonado pela história antiga e o estudo das religiões o fascinava.

Como seu amigo professor era um erudito em tais assuntos e sabia que tinha em Carlinhos um ouvinte inteligente, sempre lhe dava uma pequena aula que deixava o rapaz abismado com os mistérios do saber humano.

Mas havia um problema: Carlinhos era religioso e o professor, um céptico, um descrente. Um dia, em tom de zombaria, o senhor lhe disse: “Se quiser convencer-se do que estou dizendo-lhe, leia a Bíblia”.

O rapaz ficou pensativo porque nunca tinha lido a Bíblia, da qual tinha apenas uma vaga ideia. Sua religião consistia nas noções adquiridas quando fizera o catecismo, misturadas com as superstições confusas que formam a vida religiosa do nosso povo. Desde aquele dia ficou com vontade de possuir e de ter uma Bíblia.

No mar de gente que passa todos os dias pelo centro de Buenos Aires, há um senhor chamado Panneri, se não me engano, que já faz anos se dedica ao mui honroso e meritório trabalho de vender a Bíblia aos transeuntes. O rapazinho o

conhecia e decidiu comprar-lhe uma assim que o encontrasse.

Esse Panneri era um homem magro, baixo, de olhos pequenos que nunca paravam quietos e um pouco trêmulo. Todos os dias podia ser encontrado na rua com três Bíblias sob o braço e uma na mão, oferecendo-as aos que passavam. Quantas Bíblias já chegou a vender o senhor Panneri naquela grande cidade desde que se dedicou a este trabalho ninguém o sabe.

oOo

Carlinhos já tinha terminado as tarefas daquele dia e estava voltando para sua casa. Sempre andava a pé o trajeto do centro até a sua casa: uns quarenta quarteirões.

Não podia evitar um sentimento de profunda tristeza e de amargura quando voltava para sua casa. Ele percebia que estavam na miséria e que dentro daquele quarto onde todos dormiam havia um quadro de dor e de lágrimas. A comida era bem escassa que mal dava para os filhos menores.

Luiz e Elvira, os dois irmãos que vinham depois dele, fracos e pálidos, comiam quando sobrava alguma coisa. Carlinhos tinha um amor especial por eles e cada noite procurava trazer-lhes algumas guloseimas ou alguma fruta. Para uma criança pobre isto era um banquete.

O pouco dinheiro que o rapazinho conseguia ajuntar era usado para pagar as dívidas deixadas pelo pai que, apesar de sua queda moral, conservava sua dignidade. A mãe das crianças era uma boa mulher, mas que não tinha iniciativa de lutar pela vida.

Passava os dias chorando e atirando no rosto do marido sua infelicidade. Com um espírito tão queixoso estava no caminho da doença. E o pobre pai buscava na bebida um escape passageiro. E os filhos pagavam, como sempre, as culpas dos adultos.

Este quadro diário via-o perante si o nosso Carlinhos ao dirigir-se à noite para sua casa. Sabia que, ao abrir a porta, a

dor e a tristeza estariam estampados perante si e sabia também que, como todas as noites, sua única solução era esconder seu rosto sob o travesseiro e ali deixar correr suas lágrimas até adormecer.

Com a inteligência privilegiada que tinha, montava um monólogo diário:

“Agora abrirei a porta, a porta do meu lar. E que verei? Um quadro de espantar. Estou chegando do centro de Buenos Aires. Estou deixando para trás as luzes, as vitrines, o comércio, os automóveis e o mar de gente feliz e rica. Ao abrir esta porta, só verei a pobreza da minha família. Durante o dia, vejo meus amigos, meus fregueses, os jornais, as histórias, os livros. Mas, ao abrir esta porta, a porta do meu lar, verei papai bêbado, mamãe chorando e provavelmente Elvira e Luiz sem terem comido nada durante o dia todo. Durante o dia, vejo toda a beleza que há no centro, posso ir ao porto para ver os barcos de todo o mundo, posso ir ao cinema, mas, ao abrir esta porta, a porta do meu lar, só vejo a miséria, a miséria, a miséria...”

Todos os dias, o rapaz fazia o mesmo monólogo. E, como tivesse um espírito sensível e sonhador, preparava-se para derramar silenciosas lágrimas.

De manhã era bem diferente. Levantava-se de um pulo, bem cedo, vestia suas roupas e fugia para o centro. Preocupado com seu trabalho tão divertido, correndo após as pessoas, subindo e descendo dos ônibus e bondes, conversando com toda espécie de pessoas, vendo, gritando, rindo, Carlinhos era feliz.

De tarde, trocava os jornais pela caixa de engraxate. Então tinha tempo para “adquirir cultura”, como dizia ele, e não lhe faltavam livros em seu caixote. O primeiro livro que comprou foi “O Paraíso Perdido”, o imortal poema de Milton. E, embora não entendesse tudo, gostou muito de sua leitura.

Este livro lhe abriu a porta para a alta literatura e iniciou-se no caminho do saber que, se Deus quiser, Carlinhos nunca mais deixará.

Tinha um companheiro da mesma idade, um verdadeiro malandro, mas mui simpático, chamado Manoel Lobos. Os dois estavam unidos por uma sólida amizade, apesar das diferenças de temperamentos. Coincidiam pelo menos numa coisa: no seu amor pelos livros e pelos museus.

Juntos foram conhecendo o Museu Histórico do Parque Lezama, o Museu Nacional de Belas Artes da Avenida Alvear, o Museu Bernardino Rivadavia do Parque Centenário e um dia foram até La Plata para ver o grande Museu de História Natural e o dinossauro de 30 metros de comprimento, presente do Presidente Hoover dos Estados Unidos à Argentina.

Tudo o que Carlinhos Moreno tinha de doce e polido, Manoel Lobos o tinha de descarado e de atrevido. Quanto a ideias religiosas, estavam em campos opostos porque o Manoel era um irreverente e declarado ateu.

No meio de suas brincadeiras e conversas infantis, sempre discutiam sobre a existência de Deus: um negando-a e o outro defendendo-a, sem nunca ficarem de acordo.

Para acabar de uma vez com estas discussões foi que Carlinhos decidiu comprar uma Bíblia. A oportunidade se lhe apresentou quando encontrou o senhor Panneri na Avenida Callao. Comprou-lhe uma pequena Bíblia de bolso por dois pesos.

Para Carlinhos a leitura do livro de Deus foi apaixonante. Começou com o Gênesis e continuou lendo sem parar até terminar o Antigo Testamento. A gloriosa Palavra ia despertando em sua alma sentimentos preciosos e, embora muito do que lia não o entendesse, havia passagens que ficavam gravadas em sua mente como fogo. Os Salmos e o profeta Isaías, como também Eclesiastes e o livro de Jó agradaram-lhe mais.

Algumas palavras de consolo que encontrou nos Salmos lhe chamaram muito a atenção e gravou em sua caixa de engraxate as palavras do Salmo 57: “À sombra das Tuas asas me abrigo até que passem as calamidades”. Chegou a decorar alguns versículos de Jó e de Isaías, pois ele tinha uma

excelente memória. Como uma coisa puxa outra, o rapaz decidiu assistir uma reunião “evangélica” porque todo o mundo dizia que os evangélicos liam muito a Bíblia. Começou a assistir numa igreja da Rua Brasil aos domingos de tarde.

A mensagem de Cristo atingiu a porta da sua alma. Ele sabia alguma coisa acerca de Jesus Cristo, através do que tinha aprendido no catecismo e da leitura da Revista Para Você, que lia com muito interesse. Mas a sua ideia de Cristo era a de um mártir crucificado por ter sido bom. O conceito evangélico de um Cristo Redentor, ressurreto, glorificado e principalmente VIVO e que quer entrar no coração daquele que nEle crê era totalmente novo e impressionante para ele.

Durante alguns meses continuou assistindo e escutando. Mas como era um tanto teimoso, não queria atender o conselho dos pregadores de aceitar a Cristo como o seu Salvador pessoal.

Também não entendia o porquê de levantar a mão para receber a Cristo porque, falando sinceramente, muitos pregadores não sabem fazer um convite como deveria ser feito.

Ele continuava lendo assiduamente sua Bíblia, a ponto de quase deixar de lado todos os outros livros. Um dia contou ao professor universitário que estava assistindo às reuniões evangélicas e o professor lhe disse: “Bem..., estes são um pouco mais sinceros que os católicos!”.

Enquanto isto, a situação da família piorava. A mãe ficou bem doente e foi necessário interná-la num hospital. O pai precisou deixar seu carrinho de papéis velhos para poder cuidar dos pequenos e, com isto, as entradas diminuíram. Carlinhos se esforçava mais e mais para prover as necessidades. Deixou de comprar livros e isto o afligia.

Além disto, Satanás o atacava de outro lado. Manoel Lobo lhe disse um dia que ia embora a La Pampa, para trabalhar numa fazenda como servente de limpeza. Ganharia bem e seria bem cuidado. Trabalharia para uma família rica e ele estava bem contente com este emprego.

Carlinhos ficou pensando na grande sorte de seu amigo, apesar de ser tão malandro. Este deixou-lhe como presente alguns livros velhos. Gostando de livros como Carlinhos gostava, devorou-os, sem perceber que seu conteúdo obscuro e sujo sujava-lhe a mente e o coração, engolindo muito “lixo”.

O Diabo aproveita sempre qualquer situação para desviar as almas interessadas na Santa Palavra. Quando Carlinhos percebeu o mal que tais leituras lhe faziam, atirou aqueles livros no lixo e prometeu dali em diante tomar muito cuidado com as leituras que fizesse. Voltou à sua Bíblia com um prazer renovado.

Um dia escutou uma pregação que o comoveu profundamente. Era sobre o tema: “Eu sou a porta” e o pregador estava muito inspirado e eloquente. O Espírito Santo tinha estado abençoando a Sua Palavra o tempo todo.

Carlinhos se levantou e foi para casa. Mais uma vez andou os quarenta quarteirões a pé e outra vez repetiu o seu eterno monólogo: “Agora abrirei esta porta...” e que invariavelmente terminava com “Onde está a porta da felicidade?” Chegou à sua casa, sombria e silenciosa e, antes de entrar, sentou-se junto à porta.

O que nunca lhe tinha acontecido aconteceu naquele dia. Ficou adormecido. E, adormecido que estava, sonhou. O seu sonho marcou um rumo novo à sua vida a partir daquele momento.

Sonhou que estava andando numa cidade mui linda, com parques e avenidas brancas, buscando a porta da felicidade. Aproximou-se dele um jogador de futebol e lhe disse: “Carlinhos, se você quiser ser feliz e rico, dedique-se ao futebol. Você será famoso, ganhará muito dinheiro e todo o mundo o aplaudirá”. Enquanto lhe falava, apontava-lhe para uma porta de madeira onde se lia “Porta do Esporte”.

Ao abrir a porta, podia ver-se o final da vida de um esportista: Um homem acidentado, andando com muletas, enquanto às suas costas o estádio repleto aclamava um novo ás do esporte.

A seguir, aproximou-se dele um milionário, muito bem vestido, e lhe disse: “Carlinhos, faça-se rico, ganhe muito dinheiro, compre casas e carros. Então você será feliz”. Enquanto falava, mostrava-lhe uma porta que era como a de uma caixa forte. Ao abrir a porta, via-se um montão de moedas e de notas estragadas. Esta porta também não lhe servia.

Depois apareceu um militar vestido com o seu brilhante uniforme verde oliva. Este lhe disse: “Carlinhos, você deve ser um militar; estude para chegar a general, ganhe muitas batalhas e, quando o conseguir, será feliz”. Apontou-lhe uma porta, que era a do Colégio Militar, mas, ao abri-la, só se via desolação e ruína; uma cidade bombardeada, um sepulcro aberto e muitos cadáveres. Não! Esta porta nunca podia encaminhá-lo à felicidade. Lembrou-se das palavras de Jesus: “Todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão”.

A seguir, apresentou-se dele um empresário de circo, com sua roupa típica; era um homem robusto e muito alegre. “Carlinhos”, lhe disse, “não seja tolo; não seja futebolista e nem militar. Venha comigo; seja um artista. Você percorrerá o mundo todo. Trabalhará perante reis. Ganhará milhares de dólares e será famoso. Atravesse a porta da arte”. E, dizendo-lhe isto, mostrou-lhe uma porta cheia de luzes onde estava escrito: “Porta da Arte”. Mas, ao abri-la, o que viu? O mesmo que na porta do esporte: Um homem velho, doente e pobre, que tinha que resignar-se a ser substituído por um artista bem mais jovem, sendo este aplaudido pelas plateias. A porta da arte também não encaminharia à felicidade.

Finalmente, apareceu-lhe no sonho o mesmo pregador daquela noite. Apontava-lhe para uma simples porta de madeira rústica, que tinha a forma estranha de uma cruz. Um pequeno cartaz, pregado com quatro pregos, tinha, pintada em vermelho, esta simples frase: “Eu sou a porta”.

Carlinhos abriu aquela porta que, ao pôr a mão no trinco, abriu-se sozinha, e agora via uma formosa paisagem de campos verdes, céu azul, flores, pássaros, árvores e,

dominando todo o quadro, a branca figura de um pastor, do qual não via o rosto, mas somente suas vestes, andando em direção a ele e trazendo uma ovelhinha em seus braços. Carlinhos compreendeu que era o Senhor Jesus.

Neste momento acordou. Permaneceu algum tempo apreciando o sonho extraordinário que tivera. Tudo quanto tinha lido na Bíblia agora era claro e nítido para ele.

Cristo Jesus era a ÚNICA PORTA que, uma vez atravessada, leva ao país da felicidade. Não pode haver felicidade fora de Cristo e a felicidade que Ele dá é uma felicidade que supera todas as circunstâncias da vida.

Fazia anos que Carlinhos procurava a porta da felicidade. Agora a tinha encontrado. Tudo estava claro perante si e suas dúvidas e perguntas tinham-se evaporado para deixar brilhar o sol puro da fé como quando o vento assopra levando a chuva e desanuvia o céu num instante.

Levantou-se e, alegre como nunca tinha estado até então, abriu a porta de sua casa e entrou assobiando um hino.



Como termina esta história?

Termina assim: A vida mudou muito para Carlinhos Moreno e para sua família desde o momento em que ele achou a porta da felicidade em Cristo.

Suas orações começaram a transformar o ambiente do lar. O Evangelho entrou naquela casa e, um após outro, todos foram encontrando em Cristo a paz e a salvação.

A mãe ficou curada e saiu do hospital. O pai deixou a bebida, tendo sido ganho para Cristo pelo arrebatador entusiasmo de Carlinhos, que sempre o convidava e levava para as reuniões.

Algum tempo depois, um parente, de quem não tinham notícias fazia muito tempo, os chamou para irem morar num outro Estado, onde tinha um sítio lindo e próspero, com muitas árvores frutíferas e onde tinha criação de gado.

Ali continuam e não tenho dúvida que estão alegrando-se nos deliciosos pastos e nas águas de repouso que encontram todos os que passam pela única porta da felicidade, aquela porta que é o Senhor Jesus Cristo.

.oOo.